

Um guia poético para tempos sombrios

A Poetic Guide For Dark Times

amanheço todos os dias
com a folha do papel
virgem
em seu branco seminal

Meu corpo e minha voz estão brancos, de um
pálido gélido.

Estou da cor das paredes brancas dos
consultórios médicos.

Mas também, das ruas, dos sorrisos
inebriados.

Estou como eles, elas, todos.

Estamos brancos,
numa branquidão dura e aguda,
que nos atravessa o corpo,
rasgando o plasma mole
da indolência,
do cinismo e
da mediocridade.

Resumo

Este texto é um dispositivo poético de resistência. Esse dispositivo lança perguntas e não conclusões. Ele tenta resistir por meio da poesia os tempos de crise. Afinal, é possível perfurar barreiras molares pela poesia? Em prol das micropolíticas, este ensaio se instaura como um dispositivo político/estético/molecular de luta.

Palavras-chave: arte/vida, poesia, escrita performativa.

Abstract

This text is a poetic resistance device. This device throws questions and not conclusions. It is a kind of resistance to times of crisis. Thus, is it possible to pierce molar barriers by poetry? For the sake of micropolitics this essay establishes itself as a political / aesthetic / molecular device of struggle.

Key-words: Art / life, poetry, performative writing.

Mirela Ferreira Ferraz é Performer, atriz e poeta. Doutoranda na linha de Teatro e Sociedade pelo PPGT - UDESC. Mestre na linha de História da Arte e Arquitetura pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura - PUC-Rio (2013). Possui graduação em Artes Cênicas/licenciatura pela Universidade Federal de Ouro Preto (2010). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro e Performance.

Ilustração de abertura do artigo
produziada pela bolsista indisciplinar
Marília Pimenta

Acordei com a boca seca, ressaqueada.

Goles e goles de água para meu corpo trêmulo. Meu corpo e minha voz estão brancos, de um pálido gélido. Estou da cor das paredes brancas dos consultórios médicos. Mas também, das ruas, dos sorrisos inebriados. Estou como eles, elas, todos. Estamos brancos, numa branquidão dura e aguda, que nos atravessa o corpo, rasgando o plasma mole da indolência, do cinismo e da mediocridade. Estamos no corredor da emergência hospitalar,

[Esperando]

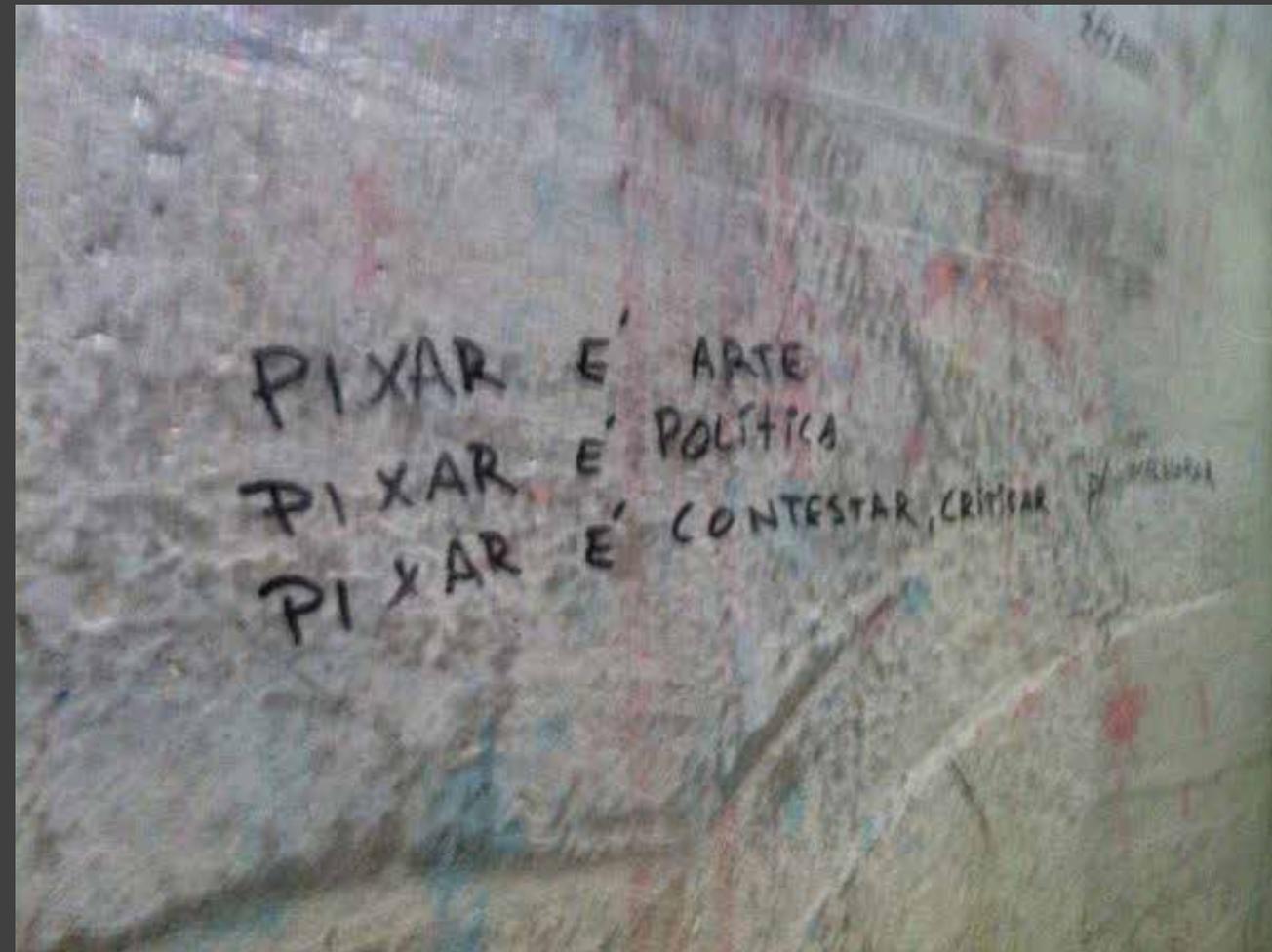
Aqui, no vácuo abismal da espera, em que os minutos passam lentamente percorrendo o perigo da bomba relógio. Aqui, nesse espaço sem cor ou gosto, tateio o meu rosto em busca dos meus sonhos. Para onde eles fogem? Em tempo como esses, tão tristes, meus sonhos tornam-se escassos e arredios, fogem de mim como gatos selvagens.

Enquanto tudo é espera. A espera de um novo dia, de um novo começo, de um novo encontro. Quando vão, aos poucos, nos tirando tudo, até o nosso nome. Tirando pelas beiradas.

Todos os dias olho-me diante do espelho e penso: resista. Amar é resistência. *Escrever é resistência*. Viver é resistência. E isso, ninguém pode de tirar. E acarinho meus sonhos novamente. Abro as janelas para eles. Meus sonhos ganham corpo nas flores, na grama e no sol.

É outono já, não? É outono no Brasil.

- 3) Tentam calar as bocas da cidade.
Mas ela é poeta e grita com os seus muros.



- 1) Tentam apagar as pichações do povo.
Mas as letras não terminam, apenas se iniciam:



